

É nisto que consiste a esperança: saber que, embora possamos fracassar, Deus nunca falha. Ainda que possamos trair, Ele não se cansa de nos amar.

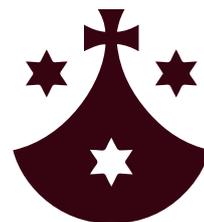
Papa Leão XIV, Audiência geral, 13 de agosto de 2025



# Boletim de Espiritualidade

1 SETEMBRO 2025  
Ano XII Nº 135

135



## Agenda setembro 2025

- 1 **Braga** (Casa da Torre) – Início da Pré-inscrição: Os Exercícios Espirituais na Vida Corrente [🔗](#)
- 1 a 6 **Ávila** (CITeS) – III Congresso Internacional sobre Santa Teresa de Lisieux [🔗](#)
- 4 **Fátima** (Santuário) – Recolecção Itinerante: “Meu Deus, eu Creio...” – P. Ronaldo Araújo [🔗](#)
- 5 a 7 **Fátima** (Domus Carmeli) – Rumos: Encontro para jovens [🔗](#)
- 7 **Fátima** (Santuário) – Palestra: «Entre eles tudo era comum» (At 4,32): bem comum, justiça social e opção pelos pobres – António Bagão Félix [🔗](#)
- 11 a 14 **Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 11 a 16 **Braga** – Eneagrama no Caminho de Santiago [🔗](#)
- 12 a 14 **Lisboa** (Teatro Camões) – Thérèse Martin: Musical inspirado em Santa Teresinha [🔗](#)
- 18 a 21 **Fátima** (Santuário) – Retiro de Doentes [🔗](#)
- 19 a 21 **Aldeia** (a definir) Eneagrama na Aldeia [🔗](#)
- 19 a 22 **Algarve** (S. Lourenço) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 20 **Estoril** (Salesianos) – e-vangelizar 2025: mega encontro de formação – olhar para longe [🔗](#)
- 20 a 21 **Fátima** (Santuário) – Jornadas Missionárias: *sinodalidade e missão* [🔗](#)
- 20 a 28 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 21 a 28 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 25 a 28 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 24 a 28 **Fátima** (Santuário) – Retiro, Escola do Santuário [🔗](#)
- 25 **Lisboa** (Aud. Cantina) – A Esperança na Música e na Filosofia [🔗](#)
- 25 a 28 **Fátima** (Santuário) – Retiro de Doentes [🔗](#)
- 26 e 26 **Coimbra** (Seminário) – Jornadas Nacionais de Comunicação: *Ser, parecer ou aparecer* [🔗](#)
- 25 a 28 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 28 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 28 **Viana do Castelo** (Carmo) – Jornada de Espiritualidade: “A esperança em Teresa do Menino Jesus” – P. Agostinho Castro [🔗](#)
- 30 **Porto** (Coliseu) – Thérèse Martin: Musical inspirado em Santa Teresinha [🔗](#)

## Agenda outubro 2025

- 2 **Fátima** (Santuário) – Recolecção: “Enviou-nos” – P. Simão Pedro, MC [🔗](#)
- 4 **Avessadas** – Tardes com Maria [🔗](#)
- 4 a 5 **Porto** (Salesianos) – e-vangelizar 2025: mega encontro de formação – olhar para longe [🔗](#)
- 10 **Fátima** (Santuário) – A contas com Fátima. Conversas para crescer na fé, na esperança e no amor I [🔗](#)
- 11 **Faro** (Carmelitas) – Concerto para Jovens: *A Confiança conduz-nos ao Amor* [🔗](#)
- 13 a 15 **Fátima** (Santuário) – Mensagem e Carisma: Encontro de Institutos de Vida Consagrada fundados a partir de Fátima [🔗](#)
- 16 a 18 **Ávila** (CITeS) – Curso: *O Livro da Vida* e do desenvolvimento humano – Juan Torres [🔗](#)
- 16 a 19 **Fátima** (Santuário) – Retiro de Doentes [🔗](#)
- 17 **Fátima** (Santuário) – A contas com Fátima. Conversas para crescer na fé, na esperança e no amor II [🔗](#)
- 17 a 19 **Ávila** (CITeS) – Curso: *Teresa de Jesus e a esperança* – Daniela Biló [🔗](#)
- 17 a 19 **Ávila** (CITeS) – Curso: *Isabel da Trindade* – Antonio Kaddissy [🔗](#)
- 18 **Fátima** (Santuário) – Um dia com o Francisco e a Jacinta [🔗](#)
- 20 a 24 **Fátima** (Santuário) – Retiro – P. Joaquim Teixeira, OCD [🔗](#)
- 23 a 26 **Fátima** (Santuário) – Retiro de Doentes [🔗](#)
- 24 **Fátima** (Santuário) – Curso sobre a Mensagem de Fátima, 19.ª edição [🔗](#)
- 26 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)

**Curso de MARIOLOGIA**

- 1º Módulo: Área Bíblica (7 a 9 de novembro de 2025)
- 2º Módulo: História e Dogma (9 a 11 de janeiro de 2026)
- 3º Módulo: Reflexão teológica (27 de fevereiro a 1 de março de 2026)
- 4º Módulo: Questões contemporâneas de Mariologia (12 a 19 de abril de 2026)
- 5º Módulo: Teologia Prática (15 a 17 de maio de 2026)

PARTICIPAÇÃO: Presencial | on-line  
INSCRIÇÃO: Domus Carmeli, FÁTIMA  
www.domuscarmeli.net

CATÓLICA FACULDADE DE TEOLOGIA INSTITUTO MELCARE  
Domus Carmeli Ordem dos Carmelitas Descalços, Fátima



## Jubileu: Júbilo no amor de Deus

Armindo Vaz, OCD

Como vimos no mês passado, a peregrinação aos lugares sagrados é, no jubileu, um exercício humano e religioso significativo. Todavia – parafraseando S. Jerónimo e o enciclopedista Voltaire – não são os lugares santos que nos salvam: salva-nos o amor do Deus santo. Esta verdade leva-nos ao conteúdo intrínseco da indulgência jubilar, que é o amor recebido, de Deus. O Papa Francisco é lapidário: «A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo, deste amor que vai até ao perdão» (*Misericordiae vultus*, 12). Toca assim o coração do evangelho, onde *amor* é palavra densa. Desde logo, diz o *Ser* de Deus (1Jo 4,8.16), equação que marca a originalidade da fé cristã no concerto das religiões. E o ‘amor que Deus é’ não é abstracto, romântico, nebuloso ou distante, também porque *l’amour platonique est toujours plat, jamais tonique*. Deus pôde ser definido como Amor porque se tornou próximo dos que amava. Pudemos vê-lo, manifestado historicamente no Filho Jesus, particularmente ao deixar crucificar a sua vida inocente. A sua morte por amor revelava à fé que Deus participa na história da humanidade: «Estou persuadido de que nem a morte nem a vida..., nem o presente nem o futuro... poderá jamais separar-nos do amor de Deus que é em Cristo Jesus» (Rm 8,38-39). «É o próprio Pai que vos ama, porque vós já me tendes amor» (Jo 16,27). Em cada pessoa que o celebra, o jubileu alcança o objectivo de a abrir ao ilimitado amor de Deus manifestado em Jesus. A fé introdu-la de tal modo na órbita do amor de Deus que tudo na sua existência pessoal e de crente se joga no interior desse amor, onde tudo é sublime.

Aí, porém, soa um alerta: tanto amor dado só é reconhecido por um amor correspondente. É preciso tê-lo. «Porque é sempre assim: ao amor só o amor o encontra, só o amor o entende, só o amor o merece» – assegura o agostiniano Frei Luis de León (citado em *El cantar más bello* [traducción y comentario de Emilia Fernández; Trotta; Madrid 1998] 85). Se «Deus é amor», só o amor O reconhece e crê n’Ele: «Quem não ama não reconheceu Deus» (1Jo 4,8). Não é por acaso que o evangelho de João, na cena do Calvário, põe junto à cruz o discípulo que Jesus amava (Jo 19,26). Os outros discípulos também tinham acreditado em Jesus. Mas, não entendendo suficientemente o significado da sua morte por amor a eles, fugiram. O discípulo que se sentiu amado não fugiu, porque reconheceu o amor de Deus em Jesus. Igualmente no regresso ao trabalho da pesca «os discípulos não reconheceram que era Jesus» (Jo 21,2-3). Só «o discípulo que Jesus amava» foi capaz de o reconhecer: «É o Senhor» (Jo 21,7). Do amor que reconhece em Jesus o Enviado de Deus (Jo 13,20) emerge a verdade de uma vida. O amor, enquanto recebido e enquanto dado, é a expressão mais coerente da revelação cristã. Cada um pressupõe o outro, também ao celebrar o jubileu. Quem tem consciência de que é envolvido no amor de Deus em Jesus recebe a indulgência: isso é a indulgência. Então é convidado a corresponder em consequência, segundo a lógica do amor. Ao amor reconhecido, em vertical, responde o amor em horizontal: «Porque o amor vem de Deus, amemo-nos uns aos outros... Se Deus nos amou assim, também nós nos devemos amar uns aos outros... Quem



Transverberação de S. Teresa de Jesus, Gian Lorenzo Bernini, Igreja de Santa Maria della Vittoria, Roma  
Fotografia: <https://pt.wikipedia.org>

ama Deus ame também o seu irmão» (1Jo 4,7.11.20-21; 3,16).

Este amor fraterno a investir no quotidiano seria, à partida, uma aposta sem garantia, condicionada pela fragilidade humana. Mas Paulo declara que em todas as tribulações e dificuldades «somos mais do que vencedores graças àquele que nos amou» (Rm 8,37), «pelo amor imenso com que nos amou» (Ef 2,4; Gl 2,20). Esta garantia estremecedora deriva do facto de o crente ser, primeiro, amado por Deus (1Jo 4,9-10.19). O gozo de ser amado, sem outra razão que não seja a de ser quem é, institui-se como o mais forte estímulo para ganhar a aposta de amar, alargando o amor de Deus às pessoas: «Não há coisa tão eficaz nem tão poderosa em quem ama como saber que é amado: isso sempre foi a isca e o íman do amor» – insiste Frei Luis de León (*Cantar de Cantares* [Edición de J. Guillén; Sígueme; Salamanca 1980] 90). J. W. von Goethe veio a dizer: «Sentir-se amado dá mais força do que sentir-se forte». Bem o percebeu Camilo Castelo Branco no *Amor de perdição*: «No amor que [as pessoas] nos dão é que nós graduamos o que valemos em consciência» (*Sistema solar*; Lisboa 2018, p. 111). Ao ver a beleza e ao sentir o amor da jovem que passou a amar, o protagonista do romance projectou na sua vida a luz e o sentido que não via antes e teve força para substituir o ódio e o crime pelo amor. Para conduzir o ser humano à felicidade, o amor é o maior poder.

No fim do jubileu de 2015 o Papa Francisco concluiu: «Sou amado, logo existo, estou perdoado; por conse-

guinte, renasço para uma vida nova» (Carta apostólica *Misericórdia et misera*, 16). O grande fruto do jubileu decide-se no acolhimento do amor de *Deus* em forma de perdão de *Jesus* pela mediação da *Igreja*. Na celebração do jubileu não esquecemos o convite do apóstolo Pedro (1Ped 4,8): «Acima de tudo, mantende entre vós um intenso amor, porque o amor cobre a multidão dos pecados». Esta é uma verdade antropológica de grande densidade, a forma mais expressiva de conversão, suposta e requerida para a celebração do jubileu. No 'jubilado' renovado, é o amor que deve primar como verdadeiro ser e identidade da pessoa: ele é na medida em que ama; a medida do seu ser é a medida do seu amor. Santo Agostinho di-lo com acutilância: «O meu peso é o meu amor», isto é, peso tanto quanto amo, o meu primeiro valor está no meu amor (*Confissões*, XIII, 9, 10). A percepção de Paulo é semelhante: «se não tiver amor, nada sou» (1Cor 13,2); na expressão de João, «quem não ama permanece na morte» (1Jo 3,14), eventualmente

anterior ao jubileu. Quem ama está cheio de vida. Tendo, no jubileu, conhecido e reconhecido o amor, só falta traduzi-lo em vida: «A fé manifesta a sua energia mediante o amor» (Gl 5,6); o amor é que torna a fé verdadeira. O conteúdo da fé é «o Amor total, no seu poder eficaz, na sua capacidade de transformar o mundo» (Francisco, Encíclica *Lumen fidei*, 15).

A própria indulgência na celebração do jubileu – amor descendente – é uma vitamina para não desistir do amor ascendente. Interioriza a ideia de que a fé cristã terá de ser um motor de acção e de mudança, de cultura do amor aos que andam nas periferias da vida, por exemplo, na pobreza que é não conhecer o evangelho de Jesus. O jubileu quer acelerar este motor e contribuir para a globalização da misericórdia e da compaixão. É «um ano da graça do Senhor» oferecido ao crente, «o tempo favorável» (2Cor 6,1-2), «o tempo de deixar tocar o coração» (Francisco, *Misericordiae vultus*, 19).

## Jubileu e esperança

Armindo Vaz, OCD

### Tons de esperança

São vários os registos em que se pode ler o Cântico dos Cânticos bíblico. Um seu motivo condutor é o que cadencia todo o poema de tons de **esperança**. É o motivo da procura ansiosa do amado, que aparece e desaparece para suscitar mais procura e mais esperança. A esperança é o constante alimento do amor da amada; e o amor é a satisfação da sua esperança. A amada deseja impaciente o amado; tem medo de o perder. Então é salva pela esperança. Assegura-o Frei Luís de León, comentando o Cântico dos Cânticos: «O amor não perde a esperança, mesmo quando não tem notícias do que busca e deseja; antes, então até se acende mais. Porque é sempre assim: ao amor só o amor o encontra, só o amor o entende, só o amor o merece» (Citado por *El cantar más bello. El Cantar de los cantares de Salomón* [traducción y comentario de Emilia Fernández Tejero] [La dicha de enmudecer; Trotta; Madrid 1998] 85).

Procurando o amado com avidez, o coração da amada só se fixa nele. Daí brota nela esta incontida prece, que tudo diz, tudo pede definitivamente:

Mostra-me, amor da minha alma,  
Onde apascentas o rebanho,  
Onde descansas ao meio-dia,  
Para que não ande assim perdida  
Atrás dos rebanhos dos teus companheiros (1,7).  
Em escarpados esconderijos  
mostra-me a tua figura,  
deixa-me escutar a tua voz,  
porque é dulcíssima a tua voz  
e formosa a tua figura (2,14).

A busca do amado torna-se esperança, que é o modo supremo da procura dele e o modo mais denso de ir ao encontro dele.

Ao exprimir-se assim, o poeta do Cântico dos Cânticos vai segredando em surdina ao seu leitor: 'Viver é sempre comungar com o outro. Mas a comunhão que já aconteceu não é tudo o que é possível. Continua a procurar com esperança. Ainda há mais amor a dar e a receber; há mais

amor para além das penas e das decepções'. O amor que o é deveras será imorredouro. Di-lo a amada:

Não podem as águas mais caudalosas apagar o amor,  
Nem os rios afogá-lo.

Como se poderá desprezar

A quem por amor dá tudo quanto tem? (8,7).

Para o triunfo final do amor contribuíram os sucessivos actos de esperança da amada. A esperança não a defrauda, porque a procura fiel do amor a enriquece e faz com que se transcenda no amado e se salve.



Cântico dos Cânticos 1:1, Bíblia moralizada (76 E7, f. 122r); c. 1371 - 1372, Biblioteca Nacional dos Países Baixos, Haia. [www.early-music.org](http://www.early-music.org)

## e-vangelizar 2025

Encontro de formação e motivação para educadores católicos



A Salesianos Editora, em parceria com a Fundação Salesianos, anunciou a 15.ª edição do encontro nacional de formação pastoral *e-vangelizar*, que regressa este ano com o inspirador lema “Olhar para longe”, inspirado nos discursos do Papa Leão XIV. O evento terá lugar em duas etapas: 20 de setembro, no Estoril, e 4 e 5 de outubro, no Porto, convidando agentes da pastoral a ampliarem a sua visão de fé e missão. Este evento é uma oportunidade única para educadores católicos, consagrados e leigos, desenvolverem as suas competências e ganharem inspiração para o novo ano pastoral. [🔗](#)

## Mensagem e Carisma: Encontro de Institutos de Vida Consagrada fundados a partir de Fátima

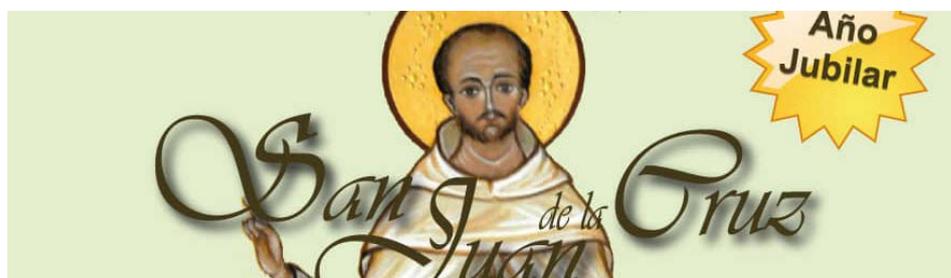
Fátima, 13 a 15 de outubro



O Santuário de Fátima, através do seu Departamento de Estudos, vai organizar um encontro dedicado à reflexão sobre a influência da espiritualidade de Fátima na fundação de Institutos de Vida Consagrada. A iniciativa parte da consciência de que a Mensagem transmitida pela Virgem Maria aos três Pastorinhos teve repercussão mundial e continua a inspirar novas formas de vida religiosa. O programa do encontro contará não só com a participação de investigadores especializados nas temáticas de Fátima, mas também com testemunhos de várias famílias religiosas, que terão oportunidade de apresentar a sua história, carisma e ação pastoral. [🔗](#)

## Curso superior João da Cruz

Ávila, janeiro a junho de 2026



O Curso Superior em São João da Cruz de 2026, oferecido pelo Centro Internacional Teresiano-Sanjuanista (CITeS), conhecido como a Universidade da Mística, em Ávila, oferece formação profunda sobre a vida, obra e pensamento do místico, com um foco na mística como dimensão humana essencial. O curso ocorre durante seis fins de semana de janeiro a junho, além de uma semana de síntese doutrinal, e pode ser feito presencialmente, online em direto ou em diferido, sendo um Título Próprio da Universidade Católica de Ávila. O curso está associado ao III Centenário da Canonização de São João da Cruz e ao I Centenário da sua designação como Doutor da Igreja. [🔗](#)

## SURPREENDIDOS PELA ESPERANÇA

Timothy Radcliffe



O Sínodo sobre a Sinodalidade foi um momento precioso de fermentação de uma Igreja nova. Timothy Radcliffe, nas meditações pregadas aos membros do Sínodo aqui compiladas, bem como nas reflexões posteriores que acrescentou a este volume, desafia-nos a transformar as nossas grelhas de leitura, descartando os alçapões mediáticos: o Sínodo foi essencialmente, um momento de abertura dos corações, uma tomada de consciência da imperiosa necessidade que temos uns dos outros.

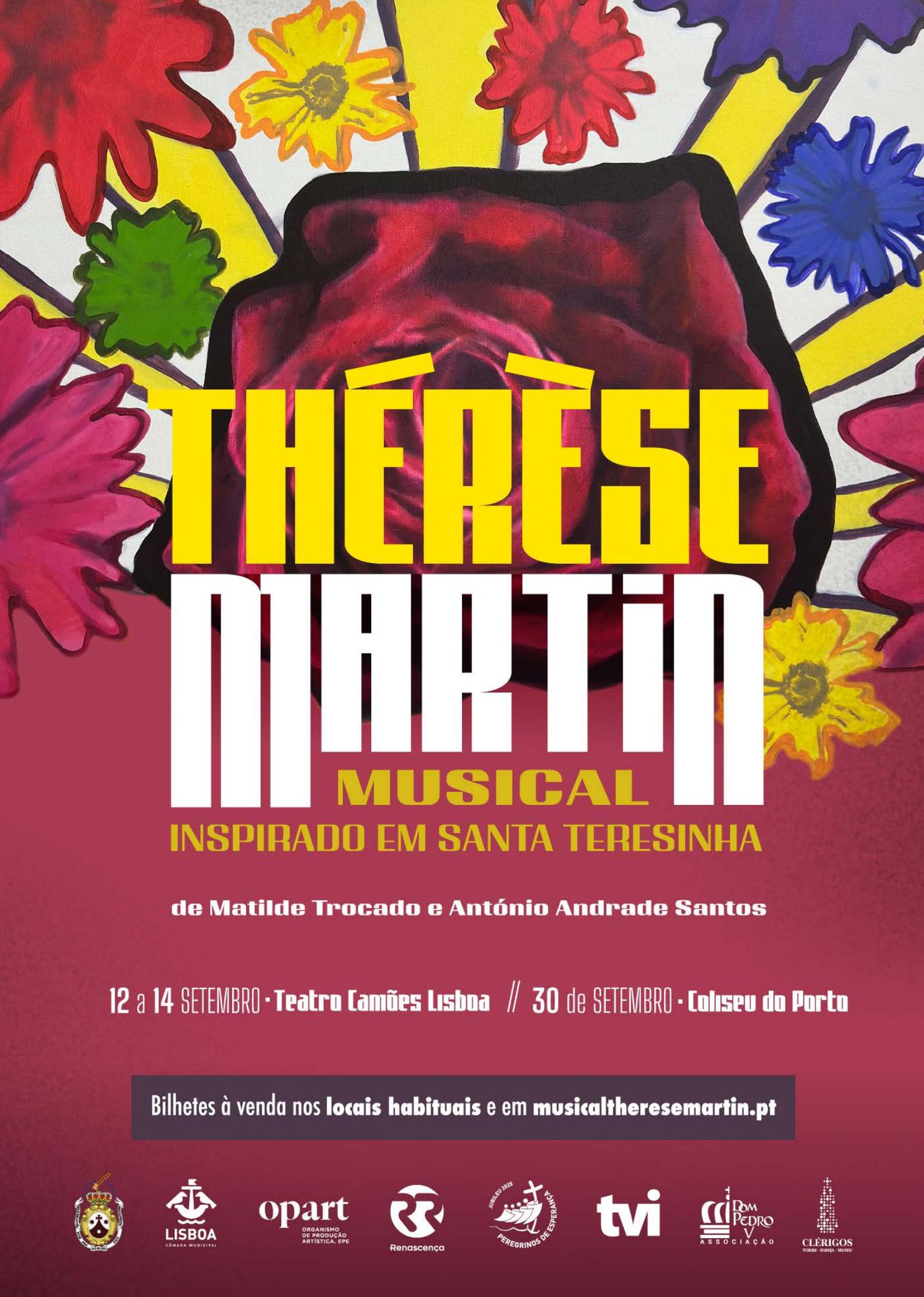
Publicação: Paulinas Editora [🔗](#)

## cloustrO

**Mysterium Cordis.** A artista plástica Alexandra Lisboa refletiu, em “Mysterium Cordis”, sobre os desafios estéticos e espirituais na representação do Sagrado Coração de Jesus. Segundo ela, essa devoção não é mero ornamento, mas a “quinta essência do Cristianismo” – um símbolo que traduz o amor divino concreto, acessível à fé e visível pela encarnação. [🔗](#)

**O desespero do coração fechado.** O professor e carmelita secular Rui Guerra reflete na crónica sobre a experiência humana profunda de sentir Deus distante. Inspirado por uma meditação de Karl Rahner, descreve como o desespero espiritual – essa sensação de bloqueio interior e vazio – pode paradoxalmente revelar a presença de Deus. [🔗](#)

**A Inteligência Artificial: risco-benefício.** Gustavo Borges, médico e carmelita secular, alerta que a Inteligência Artificial (IA), embora poderosa no avanço da medicina, previsão de catástrofes e combate às alterações climáticas, acarreta riscos éticos, sociais e espirituais. Narrando casos reais – como o de um homem que substituiu sua esposa pela IA como “confidente” –, o autor lança um alerta: a tecnologia pode-se transformar em objeto de culto. Citando o Papa Francisco e o Papa Leão XIV, destaca a necessidade de uma regulação ética centrada na dignidade humana, evitando que a IA substitua relações. [🔗](#)



# THÉRÈSE MARTIN

MUSICAL

INSPIRADO EM SANTA TERESINHA

de Matilde Trocado e António Andrade Santos

12 a 14 SETEMBRO - Teatro Camões Lisboa // 30 de SETEMBRO - Coliseu do Porto

Bilhetes à venda nos locais habituais e em [musicaltheresemartin.pt](http://musicaltheresemartin.pt)



opart  
ORGANISMO  
DE PRODUÇÃO  
ARTÍSTICA, EPE



tví



## «Sois uma carta de Cristo escrita com o Espírito do Deus Vivo»: II. O acesso a Deus\*

Irmã Sofia da Cruz, Carmelo de Aveiro



Fotografia: Canção Nova

**«Chegaram as núpcias do Cordeiro e a Sua Esposa está preparada» «Não quiseste oblações e holocaustos, mas formaste-me um corpo; então eu disse: «Eis que venho, ó Pai, para fazer a Tua vontade». «A Tua lei está no meu coração».**

É no contexto de Aliança que sucede a ressurreição de Cristo. E depois da Ressurreição do Senhor Jesus estamos em Cristo, por isso pode Ele dizer-se em nós; ou melhor, Ele diz-se em nós como Eterno Vivente – Aquele que continua a viver a Sua própria vida em nós. *«Quem me come viverá por mim, como o Pai me enviou vive e eu vivo pelo Pai»* – tal é o testemunho com que o Ressuscitado faz de nós testemunhas da Sua Ressurreição.

A primeira coisa que Ele diz a cada um de nós é: Tu és meu/minha, e di-lo tão no íntimo do nosso ser que nos dá a certeza de que Ele assumiu a nossa existência como Sua para nos fazer viver como Ressuscitados. Podemos, por isso, procurar na nossa vida a Sua presença, a Sua passagem, e esperar que nos dirija a Sua Palavra divina para nos fazer entender a nossa história de salvação.

Quando encontramos estes momentos da presença de Cristo na nossa vida, verificamos que não fomos nós que vivemos – foi Ele que os viveu em nós, de tal forma que não são nossos, são Dele são presença divina em nós.

A segunda coisa que Ele nos diz é: *«Eu Sou teu e Todo para Ti»*. Este *«Todo»* é a totalidade do mistério de Cristo como Homem e Deus, como Crucificado e Ressuscitado. Este dom é a misericórdia que Deus nos pode fazer. É o dom total do Esposo à esposa, é o dom da Aliança. A alma sente-se totalmente revestida pela misericórdia divina. Revestida de suavidade e glória.

A misericórdia é grande. Grande é de facto a manifestação do Ressuscitado como verdadeiro homem. Como homem Ele sofreu e morreu pelos nossos pecados/pelos meus pecados e agora vive de modo novo na dimensão

do Deus vivo. Ele vem ao nosso encontro como verdadeiro homem, mas a partir de Deus. Ele vive de modo novo na comunhão com Deus e é assim que vem ao nosso encontro, como o Eterno Vivente, como a Fonte de Vida.

Escutar de novo a voz do Pai que diz: *«Este é o meu Filho muito amado»* e vê-lo vir ao nosso encontro como Homem é vislumbrar as entranhas de amor e misericórdia do Pai abertas para nós. Contemplar desde o Ressuscitado o homem que sofreu e morreu pelos meus pecados é reconhecer que Deus me cobriu com o Seu Manto de misericórdia para me fazer morar no Seu Amor.

A misericórdia está em fazer-me morar no Seu Amor, em fazer-me participar nesta re-edificação do Corpo de Cristo – do Templo que foi destruído na sua morte e reconstruído na sua ressurreição. É a força misteriosa da Criação Ressuscitada. A misericórdia está impregnada de grande doçura – isto é verdadeira justiça porque pela misericórdia Deus iguala-nos a Si. A misericórdia é o único que nos capacita para acolher a Deus na Sua Totalidade: *«Eu Sou Teu e todo para Ti»*.

Com a Ressurreição de Jesus a Aliança alcança a Sua plenitude e a misericórdia revela-se como plenitude do dom da Aliança – porque é aí que o Senhor Ressuscitado nos diz: *«Eu sou Teu e Todo para Ti»*.

Eu sou Teu e Todo para Ti – é o sacramento do Ressuscitado ao entrar em cada vida. Significa a posse do Eterno Vivente pela alma. A alma “sente na fé” que o Senhor lhe diz que por ela Ressuscitou. E se ressuscitou por Ela foi para se dar a Ela como Ressuscitado – para estabelecer com ela uma relação de troca de bens divinos.

Este *«Sou Teu e todo para Ti»* podemos entendê-lo como mistério Dele vir ao nosso encontro e de se fazer encontrar por nós, como aconteceu com os discípulos:

Ele vem ao encontro – **Sou Teu**.

*«Já amanhecera. Jesus estava de pé, na praia, mas os discípulos não sabiam que era Jesus. Jesus disse-lhes: ‘tendes algum peixe?’ Responderam-Lhe: ‘não’. Disse-lhes: ‘Lançai a rede à direita do barco e achareis’ (...)* (Jo 21).

\* Esta é a segunda parte de um texto que, em contexto de verão, não pareceu bem à Autora se publicasse integralmente.

Dá-se de todo (na totalidade do seu ser de Crucificado e Ressuscitado) – **Todo para Ti**.

«Disse-lhes Jesus: “Vinde comer!” Nenhum dos discípulos ousava perguntar: “Quem és Tu?”, porque sabiam que era o Senhor. Jesus aproximou-se tomou o pão e distribuiu-o entre eles; e fez o mesmo com o peixe» (Jo 21).

Sabiam que era o Senhor não pelo que viam, mas pelo que o seu coração lhes dizia; sabiam-no desde dentro. É um reconhecimento a partir de dentro que permanece sempre envolvido em mistério. Algo dentro nos faz conhecer que estamos na presença do Senhor.

«Sou Teu e Todo para Ti» na linguagem da Ressurreição significa: aparecer, falar e estar à mesa, isto é, despertar o olhar interior, aquecer o coração com o calor da Palavra que é vivificação da mesma pelo Espírito de Amor, estar à mesa que é comunhão de vida – comunhão de vida divina: a comunhão de vida é renovação da Nova Aliança.

A Nova Aliança une a Última Ceia de Jesus e esta nova refeição: Porque Ele se dá como alimento, fá-los participar na sua vida, na própria vida – é o que Ele diz a Pedro, já na Última Ceia ao afirmar: «Se não te lavar os pés não terás parte comigo», porque Ele lhe lava os pés, e Pedro deixa-se lavar, Pedro participa da Vida.

«O Senhor atrai novamente os discípulos para a Comunhão da Aliança consigo e com o Deus Vivo. Fá-los participar na vida verdadeira, torna-nos a Eles próprios Vivos e tempera a sua vida com a participação na sua paixão, na força purificadora do seu sofrimento».

A nova comunhão com o Ressuscitado é uma comunhão de vida, uma comunhão que entra na história mas

ultrapassa-a, porque se trata de acolher Deus na nossa vida de se abrir ao Ressuscitado e deixá-lo viver em nós.

«Sou Teu e todo para Ti», significa ainda o que Jesus diz aos seus discípulos: «Fazei isto em memória de mim». O “fazer memória”, o “ser memória” implica acolher-se de todo de Deus e acolher o Todo de Deus, de tal forma que seja o próprio Deus que faça memória de Si mesmo. Jesus aproxima-se toma o pão que é a nossa vida, distribui-a como alimento de muitos. Sabemos que é o nosso ao partir do pão, porque vemos a nossa vida transformada na de Cristo e Cristo a entregar-se nela.

O facto do Ressuscitado nos fazer participar da Sua vida significa que nos introduz num dinamismo novo de vida que é a Nova Aliança, em que o Verbo como que volta a Encarnar. O mistério do Pai nos sustentar a vida é igual ao da geração do Verbo. É no Verbo que Ele nos sustenta a vida. Adoramos e participamos no mistério da pobreza do Pai, da Sua expropriação na geração do Verbo, quando nos acolhemos d’Ele.

«O Verbo se fez carne e habitou entre nós e nós vimos a sua glória de Unigénito do Pai cheio de graça e Verdade». O “ver” a glória do unigénito do Pai significa ser introduzido no dinamismo de vida, de graça e verdade – o mesmo que Jesus afirma à samaritana: «Os verdadeiros adoradores são os que adoram em espírito e verdade». Isto é fruto do Ressuscitado que actua na nossa vida, mas como Deus Vivo e por isso faz obras de vida eterna.



# Lúcia de Jesus

## peregrina e testemunha da Luz

XIII Congresso de Espiritualidade  
**Fátima · 17 a 19 outubro 2025**

**OPÇÃO de participação:**  
presencial | on-line

**Domus Carmeli**  
congressos@domuscarmeli.net

Organização **Institutos de inspiração carmelita e teresiana**

## Além das telas: caminhos de descanso e contemplação

Verónica Parente



No mundo atual onde a tecnologia invade cada instante, as férias correm o risco de se tornar apenas prolongamento das obrigações digitais. Vamos de férias com os telemóveis sempre conectados e com os portáteis atrelados a nós, pois temos sempre algo que ficou pendente. E televisão e rádio sempre ligados. Será que o silêncio incomoda? Das informações não nos podemos desconectar? Mas, será que não? — Sim, podemos e devemos desconectar, porque o silêncio e o recolhimento, como ensinam os Carmelitas, oferecem um espaço sagrado para reencontrar a alma, os outros e o mistério que nos habita.

Estava eu em férias quando recebo de um amigo carmelita uma mensagem/link no WhatsApp. Era um link acompanhado duma frase: «Férias: lugares de encontro – Entrevista ao padre Vasco Pinto Magalhães». Abri, vi e refleti. O título ficou a ressoar em mim. Férias como lugar de encontro? O curioso era o meio pelo qual esta provocação me chegava: um telemóvel, em plena altura em que eu procurava precisamente afastar-me dele, do computador e dos livros, para poder descansar o cérebro. Precisava de um tempo para não fazer nada! E como é necessário e urgente esse tempo!

A entrevista com o padre Vasco Pinto Magalhães lembrava que as férias não são apenas um intervalo do trabalho, mas sobretudo uma oportunidade de encontro — com os outros, com a natureza, com Deus e, não menos importante, connosco mesmos. Esta ideia confronta-se com a realidade do nosso tempo: vivemos mergulhados num mar de notificações e mensagens que nos roubam o silêncio necessário para tais encontros. E-mails e mais e-mails, grupos e mais grupos, chamadas e mensagens... publicidades, um sem número de distrações. E o descanso dos ecrãs? Sim, o descanso que deveria abrir espaço à vida

mais profunda torna-se facilmente prolongamento das obrigações digitais e da era das teclas...

O quanto temos de aprender e regressar ao essencial com os carmelitas, eles que sempre foram mestres na arte do recolhimento. Santa Teresa de Jesus, no Livro da Vida, insiste que «é necessário afastar-se das distrações» para que a alma se encontre. Da mesma forma, São João da Cruz fala na Subida do Monte Carmelo da importância do desapego: libertarmo-nos das amarras — materiais ou interiores — para alcançar a verdadeira liberdade. Tantos necessários desapegos! Desapegos que hoje podem muito bem significar desligar o telemóvel e o e-mail para redescobrir a serenidade perdida. Mas não são só estes Santos que nos alertam para tal necessidade. Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein) acrescenta outra luz. Para ela, o silêncio e a contemplação não eram fuga do mundo, mas a forma mais radical de se ligar ao essencial. Nas férias, esta intuição pode traduzir-se em reservar momentos para a interioridade, resistindo à tentação de encher cada instante com estímulos digitais. Para mim, o silêncio não é ausência, mas plenitude; assim o aprendi ao longo da minha vida! E como o aprendi! A filosofia contemporânea também alerta para os riscos da dispersão. Albert Borgmann, em *Technology and the Character of Contemporary Life* (1984) nota como a tecnologia ocupa o espaço do repouso, substituindo a experiência direta pelo consumo constante de estímulos; já Jon Kabat-Zinn (1990) acrescenta que o excesso de conexão digital fragiliza a capacidade de relaxar e apreciar o lazer. Ambos fazem ecoar aquilo que São João da Cruz afirma em *A Noite Escura da Alma*: «para vir a saborear tudo, não queiras ter gosto em coisa alguma». Concordo com São João da Cruz e atrevo-me a afirmar que a verdadeira liberdade nasce do esvaziamento das distrações. E como em nós ecoa a espiritualidade carmelita quando nos lembra ainda

E o descanso dos ecrãs? Sim, o descanso que deveria abrir espaço à vida mais profunda torna-se facilmente prolongamento das obrigações digitais e da era das teclas.

”

que o encontro conosco mesmos só acontece no recolhimento. Outro exemplo: se lermos Santa Maria Madalena de Pazzi, mística carmelita do século XVI, encontrar-nos-emos com o seguinte ensinamento: «*a alma precisa mergulhar no silêncio como quem mergulha no oceano de Deus*». Esta imagem tão poética serve, hoje, de antídoto à fragmentação digital: aprender a mergulhar no silêncio das férias, em vez de nos perdermos na superfície das redes sociais! David A. Levy, em *Mindful Techie*, traduz em linguagem contemporânea esta mesma intuição: estar presente é o verdadeiro antídoto contra a dispersão. O gesto simples de desligar-se abre caminho para viver o momento — seja ao vento no rosto, à brisa do mar ou a uma conversa sem pressa. Assim o fiz; nestas férias foi este o meu estar: estive presente! E este estar presente é, sem dúvida, o verdadeiro antídoto contra a dispersão que nos consome (tantas vezes em silêncio, sem nos darmos conta...). No ritmo acelerado do mundo contemporâneo tentei não ser puxada em mil direções: seja pelas notificações que piscam, pelas mensagens que exigem resposta, ou pela urgência de atender informações que se acumulam sem cessar. Sim, no meio deste turbilhão, a atenção fragmenta-se e a vida escapa em pedaços, muitas vezes sem que nos percebamos. É justamente neste contexto que a presença consciente revela a sua força transformadora: ela nos reconecta com o instante, com o corpo, com o mundo e com aquilo que é essencial dentro de nós. Embora simples, o gesto de desligar-me carregou uma potência quase ritual: silenciar o telemóvel, fechar a porta das redes sociais, recusar-me a ser arrastada pelo fluxo incessante de estímulos digitais — tudo isto gerou uma abertura, um espaço onde foi possível, enfim, habitar a própria vida. Nesse espaço, cada sensação se intensificou: o vento que tocou o meu rosto deixou de ser apenas brisa e passou a torna-se presença; o som do mar não foi apenas ruído, mas diálogo profundo entre a natureza e a alma; e uma conversa, antes interrompida pelo telefone ou pela pressa, transformou-se em verdadeiro encontro, onde cada palavra tinha peso, cada silêncio carregava significado e cada olhar encontra a sua verdade. Estar presente é isto! Estar presente é também um ato de coragem, pois exige escolher a experiência direta em vez da distração constante. É recusar a ilusão das multitarefas que nos fragmentam e nos esvaziam, e permitir que mergulhemos na plenitude do agora. Neste mergulho descobrimos nuances da vida que antes passavam despercebidas: a

delicadeza da luz filtrando-se pelas folhas, o aroma do mar misturado com a brisa, o ritmo da respiração compartilhada em silêncio. Cada instante, quando vivido com atenção plena revela-se abundante, repleto de sentido e de intimidade com o mundo e consigo mesmo.

No fundo, o presente não é apenas um tempo cronológico; é um espaço místico, uma porta que se abre para a interioridade. E a vida nesta presença deixa de ser uma sucessão de tarefas e preocupações e torna-se experiência viva, diálogo contínuo com o que nos habita e com o que nos rodeia.

Desligarmo-nos, portanto, não é apenas retirar-nos do digital; é permitir que a alma respire, que os sentidos despertem, que a atenção encontre o seu lugar no universo. E é neste gesto aparentemente simples que reside a verdadeira liberdade: a liberdade de sentir, de viver, de existir com profundidade, e de reconhecer, em cada instante, o milagre silencioso da vida que pulsa ao nosso redor; o milagre de estar com os outros, conosco e com Deus.

E é assim que regresso à mensagem recebida. Talvez o Padre Vasco Pinto Magalhães tenha razão: as férias são lugares de encontro. Para lá disso, concordo com o que nos ensinam os Carmelitas: o encontro exige escolhas. Escolher o silêncio em vez do ruído, a presença em vez da dispersão, a contemplação em vez da pressa. Só então as férias deixam de ser uma pausa cronológica e se tornam um tempo de transfiguração, onde nos reencontramos com o essencial. E talvez seja precisamente aí, neste paradoxo — receber via WhatsApp um convite para o silêncio — que se revela a urgência do nosso tempo: redescobrir, como os santos Carmelitas nos recordam, que a verdadeira renovação nasce quando ousamos desconectar. Oxalá possamos (re)aprender com Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz que o verdadeiro encontro conosco mesmos e com o divino ocorre na quietude, longe das distrações. Além disso, reflexões contemporâneas ressaltam que a saturação de estímulos digitais pode fragilizar a nossa capacidade de relaxar e apreciar o momento presente. Ó, como é bom e salutar redescobrir o valor do silêncio e da contemplação nas férias! (Re)descobrir torna-se essencial para uma renovação genuína, permitindo que estes momentos se transformem em verdadeiros encontros com o essencial. Arrisco a dizer que não só em tempo de férias, mas sempre!

## Referências

- Borgmann, A. (1984). *Technology and the character of contemporary life: A philosophical inquiry*. University of Chicago Press.
- Kabat-Zinn, J. (1990). *Full catastrophe living: Using the wisdom of your body and mind to face stress, pain, and illness*. Delacorte.
- Levy, D. M. (2016). *Mindful tech: How to bring balance to our digital lives*. Yale University Press.
- Magalhães, V. P. (2023, [mês]). *Férias: lugares de encontro* [Entrevista]. YouTube. <https://youtu.be/wnRTcpXui0I>
- Stein, E. (Santa Teresa Benedita da Cruz). (2002). *Self-portrait in letters: 1916–1942* (J. Koepfel, Trans.). ICS Publications.
- Teresa de Jesus, S. (2010). *Livro da vida* (M. Delgado, Trad.; Edições Carmelo). Paulinas. (Obra original publicada 1565)
- João da Cruz, S. (2013). *Subida do Monte Carmelo* (F. Rodrigues, Trad.; Edições Carmelo). Paulus. (Obra original publicada 1578)
- João da Cruz, S. (2014). *Noite escura da alma* (M. S. L. Coelho, Trad.; Edições Carmelo). Paulus. (Obra original publicada 1585)
- Maria Madalena de Pazzi, S. (1996). *The complete works* (Vols. 1–6). ICS Publications. (Obras originais do século XVI)



# Perfume e silêncio

Frei João Costa, OCD



Fotografia: lisboasecreta.co/segredos-de-lisboa/

**1.** Este texto é sobre silêncio. Para dizer a verdade ao leitor direi que bem não sei o que seja o silêncio, daí que aqui mais arrisque a falar sobre o que menos saiba. Como, porém, vivo entre a brisa de Elias e o engenho de Gedeão, algo direi, sobretudo, depois que o silêncio me atingiu como um tição aceso numa tarde quente de agosto, no alto de um monte seco.

Entre um bailarico de cabelo ao vento e o ímpeto de fornalha ardente anda, pois, este texto porque, creio, por ambas balizas anda em mim o silêncio.

**2.** Um pouco além da Senhora de Agosto deste vinte-e-vinte e cinco fui a Viana presidir às exéquias do Senhor Araújo. Convenhamos que eu sei que ninguém sabe quem o Senhor Araújo foi. Afinal, ele não descobriu terras, não foi empreendedor, não apareceu na televisão, não deu pontapés na bola, não foi citado em nenhum podcast famoso, não se notabilizou em nada, não sobressaía, não era essencial numa procissão, numa banda, não era macaco de nenhuma claque – era um Zé Normal, como muitos que por aí existem, com a vantagem do seu nome ser mesmo José. Ah, e também não foi ladrão, nem homicida, nem criminoso algum que lhe valesse fugaz aparição na CMtv. Foi apenas um desses homens pequeninos como o cimento que se junta à areia e assim ajuda, há séculos, a colar as pedras de edifício famoso – e como tal, não se via, não se dava por ele, não sobressaía. E se tinha defeitos – e parece que tinha – foram com ele para a cova. Sim, tinha defeitos e pelo menos uma virtude: não se punha nunca em bicos de pés. Essa virtude eu a aprecio cada vez mais, embora a reconheça em alguns outros – mas, sobretudo, entre falecidos, que aqui e agora não dá para falar. Devo, pois, reconhecer que a mais afoita razão que mais me levou a Viana nesse dia até foi a de sempre lhe ter visto o tal bico dos pés na horizontal (e nunca na vertical); sim, tal foi a razão mor por, naquela manhã, eu ter voado de Braga a Viana em contrarrelógio!

Como alguns saberão aquele era um dia das festas da cidade – o do Cortejo da Mordomia (?) –, pelo que dos jardins às paredes tudo bombava e me gritava festa e

chieira como só à beira da boca do Lima se vive e existe. Para o ano, vão por lá e testemunhem.

Por essa razão, cheguei em cima da hora à igreja de São Francisco, onde repousava o féretro, visto que o rendilhado labiríntico de carros não fora fácil de tornear e vencer. Lá dentro, o clássico actual: pouca gente; ou não estivera a Praça da República a latejar ao ritmo do despique de bombos entre os de Santa Maria de Jazente e os de São Sebastião de Darque. Sim, enquanto em baixo aqueles retaliavam entre si, cá em cima, nas faldas da encosta de Santa Luzia, o Caló chorava, a esposa chorava, e a neta Maria chorava. E assim foi que naquela hora de paradoxo de líquidos – uns moviam-se batidos a cerveja e a carrascão, outros, nós, a lágrimas salgadas – nos ajuntámos para lhas enxugar; nós, quer dizer: eu, os compadres ou parceiros e um pequenino e solidário grupinho de amigos. Como é de lei entre católicos, celebrámos a Eucaristia, ouvindo, primeiro, a Palavra cuja esperança não engana e actualizando, depois, o mistério da Paixão e Morte e Ressurreição do Senhor, penhor da vida e saúde de todos nós. Lembro que, falando diante dos restos mortais do Senhor Araújo, recordei tê-lo conhecido, sobretudo no último ano de vida, durante uma nesga de tempo – tanto quanto durou a fumaça de um calado meio cigarro que ele antecipadamente sacara do bolso da lapela. Podem retorquir-me que isso não dá para nada conhecer, mas cá para mim dá porque para bom entendedor meio mata-ratos basta!

(Ah, e devo ainda dizer que entre os que compunham aquela pequenina Betânia mais lágrimas havia, porque entre nós só se pode estar ok se tu estiveres ok. E a pequeninha família não estava, óbvio.)

Sáídos da mesa eucarística impunha-se reconfortarmos o corpo noutra mesa. Fomos, por isso, para fora de Viana, porque festa e lágrimas não condizem. Lá chegados, à hora de botar os pés debaixo da mesa, não o pudemos fazer porque outros, antes de nós se tinham apropriado, e bem, do pequenino lugar. Surpreendidos, mas não aborrecidos, debandamos para o monte como as cabras, porque em certo lugar – a meia hora de distância – haveria uma locanda que nos receberia. Recebeu.

### 3. E a seguir falo de silêncio.

(Não posso prosseguir sem dizer dos variegados sabores regionais que nos saciaram, nem ocultar os que depois nos re-temperaram o espírito, pois que também visitámos o mosteiro de São João d'Arga e, um pouco mais além, entre penhascos, galinhas e giestas, a exposição Arte na Leira. Foi algures por ali que me sucedeu um silêncio que não sei explicar – se é que algum existe que seja explicável.)

No carro em que viajava ia um rebuliço sustentado pela presença de quatro irrequietos adolescentes e seus iPhones. Dele saindo algures, no alto do monte, ao abrir a porta, sobressaltei-me e exclamei (sendo certo ao certo não saber se alguém me escitou!):

– *Olhem o silêncio!*

Talvez, leitor, leitora, já tenhas sofrido o impacto do abrir dum forno depois da cozedura do pão: acometendo-nos e torneando-nos, para fora sai uma baforada deliciosa no seu bafo e calorosa no seu envolvente abraço. Tal foi o que senti naquele milissegundo em que abri a porta do carro: diante de mim e à minha volta, vi o majestoso silêncio quente no alto daquele monte sagrado!

Como disse, não sei se o silêncio é explicável – talvez não; e, desse que ali senti e vi, nada sei, ou pouco mais sei dizer. Embora diga ou sinta que uma coisa que assim tanto nos impacta, habita e anda por ali, vadeando-nos os passos, até que nos atinja e nos volva renovados e diferentes, como se a vivêramos docemente, intensamente e durante muito tempo! Nada sei dizer bem, mas direi que não haveria por lá, naquela hora, passarinho que pipilasse ou cobra que rastejasse; e, por já não poder crescer, sossegada, a erva seca morava por ali caladamente efémera. E lá em baixo, num baixio lento e cansado, um lânguido riachuelo cabriolava de pedrinha em pedrinha, mas por quase todo ele ser bebido por um par de libelinhas, não fazia ruído algum ao nosso olhar. Oh que silêncio abençoado! Silêncio fresco! Silêncio quente! Silêncio suave! Suave silêncio!

(Veio, então, um homem que nos tirou uma foto a todos junto a um cruzeiro do lugar; perguntei-lhe de onde fora e disse-nos que do ruído de Viana era e dali fugira a sete pés, buscando frescos no alto monte. Ah, caramba, pensei, afinal não sou só eu o atingido em cada poro pelas frechas do silêncio!)

Ah, o silêncio, o silêncio, aquele silêncio; aquele silêncio, que só de recordá-lo, me sinto agora mesmo, conjugando um mergulho em refrescante poço de límpidas águas frias. Não é que na hora estivesse cansado de falar, que me fugissem as palavras ou elas se se negassem a subir-me à boca; não é que eu quisesse ausentar-me dali ou me recusasse a rezar na Capela do Baptizador. Não. Não era que evitasse ouvir estórias de «*quando aqui, nestes quartéis, fomos felizes aos 17 anos!*» ou os sonhos de encontrar o Papa na JMJ de Seul em 2025. Não era nada disso, porque aquele silêncio era espaço de comunhão de vida, de história e de sonho.

Era silêncio, era um andar entre o adágio e o alegre, como quem espera acompanhado, sem racionalizar nem saber o que houvera depois. Não era ilusão, mas um encontro, um andamento de amigos, um acolhimento de quem, ciciando, fala e sabe que não se pode falar tudo nem tudo ouvir, que não se consegue sentir tudo, que não se ouvirá nunca tudo e que, em passado momentos, antes do pôr do sol, reconstruído ainda que amachucado, dali sairia para a balbúrdia e o ruído da noite do mundo.

Naquela tarde, como diante da bocarra dum forno, o silêncio atingiu-me o peito e envolveu-me e inundou-me em seu calor purificador. Era como réstia da fragância da origem e feriu-me como seta amiga, atravessando a cota de cruzado em campo de batalha. E depois, reencontrado e ajustado, apesar de suavemente lancetado, agraciado dali saí e mais amigo, e bem mais sem pressas, renotando que para lá daquele limiar, a vida continuava a sobreviver, a precisar da fala de amigos, do Amigo, porque todo o homem, como as plantas, onde melhor se revê é num jardim.

4. A baixa velocidade regresssei só no carro só que me levava. Abri ambas as janelas porque o calor do silêncio me levantava em chamas e minhas roupas rescendiam a intenso perfume. Quase duvidando, olhei-me ao espelho e reconheci-me. E houve ainda de reolhar-me por me haver lembrado de um conto que eu sabia existir (e fui rebuscar), porque me achava como ali o sábio narrador narra.

Na Hora de Vésperas fiz coro com os meus frades. E na de Completas também. E pelo meio rimos à mesa, enquanto ceávamos um refrescante tomate coração de

Sequência de 4 encontros  
para **jovens**

**RUMOS**

5 a 7 de setembro 2025

boi cada um. E se querem saber, fomos falando dos crimes e da profunda chaga dos incêndios nacionais e de resultados de futebol, porque eu aprendi com uma Santa que quando mais santos, mais conversáveis, até porque os outros podem ser mais santos que nós!

E aqui termino, deixando o conto sem aumentar um ponto:

Estando um monge em matinas com os outros religiosos do seu mosteiro, quando chegaram aquilo do salmo, onde se diz que «*mil anos à vista de Deus são como o dia de ontem, que já passou*», admirou-se grandemente, e começou a imaginar como aquilo podia ser. Acabadas as matinas, ficou em oração, como tinha de costume: e pediu afetuosamente a Nosso Senhor se servisse de lhe dar inteligência daquele verso. Apareceu-lhe ali, no coro, um passarinho, que cantando suavissimamente, andava diante dele dando voltas de uma para a outra parte, e deste modo o foi levando pouco a pouco até um bosque que estava junto do mosteiro, e ali fez seu assento sobre uma árvore; e o servo de Deus se pôs debaixo dela a ouvir. Dali a um breve intervalo (conforme o monge julgava) tomou o voo e desapareceu com grande mágoa do servo de Deus, o qual dizia mui sentido:

– «*Ó passarinho da minha alma, para onde te fostes tão depressa?*»

E esperou. Como viu que não tornava, recolheu-se para o mosteiro, parecendo-lhe que aquela mesma madrugada

depois de matinas tinha saído ele. Chegando ao convento, achou tapada a porta, que de antes costumava servir, e aberta outra de novo em outra parte. Perguntou-lhe o porteiro quem era, e a quem buscava. Respondeu-lhe:

– *Eu sou o sacristão, que poucas horas há que saí de casa, e agora torno, e tudo acho mudado.*

Perguntado também pelos nomes do abade e do prior, e procurador, ele lhos nomeou, admirando-se muito de que não o deixasse entrar no convento, e de que mostrava não se lembrar daqueles nomes. Disse-lhe que o levasse ao abade: e posto em sua presença, não se conheceram um ao outro; nem o monge sabia que dissesse, ou fizesse, mais que estar confuso e maravilhado de tão grande novidade. O abade então, iluminado por Deus, mandou vir os anais e histórias da Ordem: onde, buscando, e achando os nomes que o monge apontava, se veio a averiguar com toda a clareza que eram passados mais de trezentos anos desde que o monge saíra do mosteiro até que tornara para ele. Então, este contou o que lhe havia sucedido, e os religiosos o aceitaram como a irmão seu do mesmo hábito. E ele, considerado na grandeza dos bens eternos, e louvando a Deus por tão grande maravilha, pediu os sacramentos, e brevemente passou desta vida com grande paz no Senhor.

5. Bem-aventurado quem a inesperada seta do perfume do silêncio atinge.

## III CONGRESO INTERNACIONAL SANTA TERESA de LISIEUX

¡ TODO  
ES GRACIA!

1 - 6 septiembre 2025

Presencial y on-line

DOCTORA  
ECCLESIA

